

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

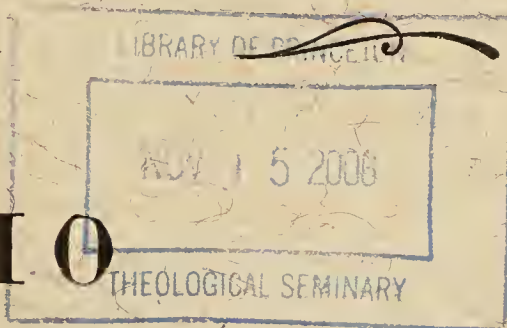
Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

Em torno da Morte	<i>Redação</i>
A Vidente de Prevorst	<i>Dr. Francisco Klörs Werneck</i>
A Obra de Geley	<i>Ismael-Gomes Braga</i>
Onde Ides, Mocidade Louca do Bra- sil ?	<i>Leopoldo Machado</i>
Os Sinais dos Tempos	<i>J. B. Chagas</i>
Mesas e Cabeças Girantes	<i>Carlos Imbassahy</i>
Fenômenos de Materialização	<i>Amadeu Santos</i>
Vidas Sucessivas	<i>Djalma Farias</i>
Livros e Autores	<i>Leopoldo Machado</i>
Crônica Estrangeira	<i>Redação</i>
Espiritismo no Brasil	<i>Redação</i>



! Natal dos Pobres !

Prezado Sr.

Paz em Jesus.

Como de costume, o Centro Espírita «Aman-tes da Pobreza» realizará neste ano o NATAL DOS POBRES, no dia em que se comemora a maior data do Cristianismo, 25 de Dezembro, que relembra o nascimento de Jesus.

A cristandade prepara-se para festejar nesse dia o magno acontecimento, sem medir gastos. Mas os pobres que muitas vezes não têm uma côdea de pão e uma xicara de café, não o podem fazer; daí porque devemos lhes prestar o nosso auxílio fraternal, para que todos indistintamente tenham, de facto, um NATAL FELIZ. E cumprindo o maior mandamento, que é o amor ao próximo, Jesus, que acompanha sempre os nossos passos e mede as nossas ações, nos recompensará com o nos proporcionar paz, saúde, alegria e prosperidades.

Nesse sentido, a Comissão abaixo assinada, vem solicitar do coração magnânimo de V. S., um óbulo, que pôde ser em dinheiro, gêneros alimentícios, roupas, mesmo usadas, etc.

Certos de sua preciosa atenção, almejamos-lhe um Natal Feliz e um Ano Novo cheio de prosperidades.

Matão, 10 de Outubro de 1947.

A Comissão:

D. Chiquita Fonseca
D. Maria Casanova
D. Antoninha Perche Campêlo
D. Elvira Prado
Zelia S. Perche
Jenny Perche
Valéria Dias de Lima
Clotilde Ferreira
Jocelina Dias de Lima
Leonor Cruz

Isabel Perche
Doris Molinari
Carmen Torres
Miriam Perche
Cleide Perche
Manoela Torres
Edméa Costa
Edna Gonçalves
Catarina Bonfoqui

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ✂ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

EM TORNO DA MORTE



PESAR de ser a maioria dos homens materialista ou ateista, não crendo em Deus e nem na sobrevivência individual, não acreditamos que eles, em certos momentos da vida,

não tenham pensado, embora ligeiramente, sobre a morte, esse espantinho pintado pela ignorância humana.

A morte é a cousa mais certa deste mundo, pois todos sabemos que mais hoje ou mais amanhã temos que emprender essa irrevogável viagem. Para os incientes, ou seja, para aqueles que limitaram as suas esperanças ao restrito plano terreno, morrer significa o aniquilamento, o desaparecimento, enfim, a extinção total do indivíduo, porque estão convencidos de que o indivíduo é somente corpo, e nada mais. Para os espiritualistas morrer quer dizer—renascer na verdadeira vida, porisso é que um grande filósofo afirmou que *a morte é a porta da vida*.

O desespero, as lágrimas copiosas, as imprecações da creatura que vê morrer um ente querido são frutos da descrença, da falta de fé nos desígnios de Deus, da falta de conhecimentos relativos às cousas do espírito antes e depois da sua passagem para o mundo espiritual. As creaturas que acreditam na sobrevivência individual sabem que os seus mortos queridos continuam a viver e que as

esperam para o grande festim espiritual; que as acompanham e lhes prestam todo o auxílio possível, guiando-as da melhor maneira nas suas indecisões, estimulando-as ao trabalho e amparando-as nas suas fraquezas.

As religiões mundanas, com os seus dogmas, sacramentos, cultos externos e missas a granel não conseguem confortar aqueles que vêm passar para o mundo dos espíritos os seus entes e amigos, pois as lágrimas continuam a correr-lhes pelas faces e a esperança se detem ante o terrível enigma que é a morte.

Mas, com o advento da doutrina espírita, o véu que encobria a Verdade rasgou-se de cima a baixo e todos podem ver agora os esplendorosos horizontes da vida eterna, com os testemunhos frisantes, insofismáveis da sobrevivência individual acendendo em cada coração a lâmpada da verdadeira fé e da esperança que não fenece e colocando em cada cérebro a bússola da sabedoria que orienta com segurança na intérmina caminhada para a Perfeição.

Passamos a transcrever de «Estudos Psíquicos», de Lisboa, o seguinte caso comprovativo da imortalidade da alma, para que os descrentes encontrem no mesmo ao menos uma fagulha que lhes chame a atenção para as cousas relativas ao espírito.

Uma Prova da Sobrevivência

O *Psychic News* de 9 de Outubro de 1943 publicou interessante relato acerca de provas da sobrevivência fornecidas pelo médium F. W. Martin, pai de um piloto da R. A. F. que falecera no desastre de um avião «Sunderland», quando êste aparelho em 1941 tentava atravessar o oceano.

Martin vive em Morton, próximo de Swansea, e obteve no Instituto de Investigações Psíquicas de Londres o que êle apelida de prova assombrosa. No dia anterior tinha estado junto do médium desenhador Frank Leah, a quem nos temos referido muitas vezes, e observou que êste último desenhara um retrato do aviador «morto», cujo perfil era perfeitamente exáto, tanto na forma, como na dimensão.

Desde então, Martin tem recebido numerosas provas de sobrevivência do filho, que se comunica regularmente.

Segue-se o relato da prova dada pelo jovem aviador Jack, que utiliza o *calão* empregado na R. A. F. e demonstra o orgulho próprio de um jovem, quando se manifesta:

— Após a queda do avião, achei-me na água muito sujo e cheio de dores, porque fôra queimado pela gasolina, que se incendiára, na altura em que os tanques foram atingidos. Só senti as dores, ao verificar que não podia nadar. O pai sabe que eu era bom nadador. Se lhe tivesse sucedido o mesmo, não faria mais do que eu.

«Quando mergulhei, senti os pulmões a arder e perdi os sentidos. Ao despertar, vi meu avô ao pé de mim.

«Eu não compreendo isto — pensei comigo mesmo. — Afinal, estou morto ou não?» O avô, porém, estendeu-me as mãos e disse:

— «Jackie, estou aqui para te conduzir à tua nova vida, porque tu não morreste. Bem ao contrário, estás mais vivo do que nunca. Não te lamentes. Agora estás dêste lado da vida. Por-te-ei ao facto de tudo isto. Lembra-te do avô, que te levava a passear, quando eras pequenino?»

— «Certamente, — respondi —; mas como se explica o facto de o estar a ver de novo? Afinal, não estou morto. Onde estou então? Afoguei-me há minutos na desastrosa queda do «Sunderland». Não posso estar vivo. Que diz a isto, avô?»

— «Estás vivo, de facto. Depois te explicarei isso. Agora temos de sair dêste ambiente, demasiado terrestre para ti.

«Em seguida, olhei para o meu corpo físico que se encontrava debaixo de água, e pude vê-lo como se estivesse à superfície.

«Partimos daquêle local e começámos a flutuar no espaço. Por fim, chegámos a um lugar semelhante a um salão de concertos, que depois notei ser o Salão de Repouso, que nos acolhe, quando desencarnamos. Ao chegar ali, o avô mandou-me estender num divã; e passado algum tempo acercou-se de mim um homem parecido com um monge, chamado Irmão Goodwin, dizendo que era um «guia».

«Não compreendi o significado do termo «guia». Entretanto, foi-me dizendo que eu também seria guia, isto é, que deveria ajudar a esclarecer outros espíritos nas condições em que o avô me encontrou, no intuito de os familiarizar com o mundo espiritual. Assim, devia pôr-me em comunicação com o pai, escrevendo e informando-o acerca desta vida.

«Não compreendi de que diabo estava êle a falar. Contudo, comecei a mergulhar em sono profundo, até que acordei num grande salão ou templo, cheio de luz estranha, de cores maravilhosas, em nada semelhantes às cores terrestres e que mudavam de cambiante a todo momento.

«Observei até enorme multidão de homens, mulheres e crianças, de todas as raças. E quando me estendi numa espécie de canapé, ouvi música de centenas de instrumentos, diferente da que tinha ouvido na terra. As vozes da multidão elevavam-se em cântico, enquanto as cores variavam constantemente o seu brilho.

«Era, de facto, uma cena inesquecível. O ar era vivo, isto é, impregnado de fluído vital que penetrava suavemente o meu corpo espiritual; e comecei a sentir a consciência do meu novo estado. Parecia reviver. Daquí em diante tornou-se-me desnecessário perguntar o motivo daquela cerimônia.

«Fiquei sem saber o que havia de fazer, quando toda aquela gente se levantou, sendo então levado pelos médicos para outro edifício.

«Ao abandonar o salão de Repouso, entrei numa bela casa cercada de flores e arbustos, diferentes de tudo quanto vira.

«O edifício a que me refiro era construído de alabastro e pedra, de cores variegadas. Ali se reuniam muitos estudantes da R. A. F., trabalhando em várias coisas.

«Fui colocado na secção de engenharia, pois quando estive na terra dediquei-me a êsse mister. Aquí, continuei a lidar com máquinas de toda a espécie.

«Talvez esta história lhe pareça idiota, mas não é. A' excepção dos indivíduos, esta vida é semelhante à vida terrena. Claro que não dormimos, visto ser desnecessário; mas podemos descansar, se tal nos aprouver. Estêndemo-nos em fofos leitos de erva, para recuperar energias. Nesta mansão, a vida resume-se em amar todos os nossos semelhantes».

A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

CAPÍTULO XI

Visão pela cavidade epigástrica

Os fenômenos seguintes lembram a faculdade que têm os sonâmbulos de lêr o que se coloca sôbre o seu estômago ou de tomar conhecimento dele só pelo tato. Dei à Sra. Hauffe dois pedaços de papel, cuidadosamente dobrados. Num havia escrito em segredo: «Deus existe» e no outro «Deus não existe». Coloquei-os em sua mão esquerda, quando inteiramente desperta e perguntei-lhe se notava alguma diferença entre eles. Após certo tempo, entregou-me o primeiro deles, dizendo-me: «Este me produziu certa sensação; o outro me deu uma impressão de vácuo». Repeti quatro vezes a experiência e cada vez com o mesmo resultado.

Escrevi então num pedaço de papel: «Há espectros» e no outro «Não há espectros». Ela colocou o primeiro sôbre a cavidade epigástrica, segurou o outro numa das mãos e leu o que estava escrito em ambos. Escrevi então «Vistes B.». Quando ela o colocou no mesmo lugar, disse que isso lhe causava aborrecimento. Quando mais tarde leu o conteúdo do papel, não pôde compreender tal efeito, embora tivesse sido renovada a experiência, com o mesmo resultado.

Alguns anos depois, quando colloquei em sua mão uma carta fechada, da referida pessoa, o resultado

foi ainda o mesmo, sem que ela tivesse a menor idéia do que pudesse isso ser. A presença dessa pessoa produzia efeitos idênticos. Certo número de experiências interessantes, feitas no mesmo sentido, me deu a convicção de que os escritos e os desenhos colocados na cavidade do seu estômago produziam efeitos apreciáveis, variando em sua natureza.

Boas notícias de seu filho faziam-na sorrir, ao passo que más a entristeciam. O nome de uma pessoa não amiga despertava cólera nela; o de Napoleão Bonaparte sugeria idéias marciais e ela cantava u'a marcha.

Algo estranhos que sejam tais resultados, experiências repetidas só serviram para confirmá-los, e, ainda que seja difícil crêr-se neles, são, todavia, fatos positivos.

Como acontece comumente com os sonâmbulos, tinha a Sra. Hauffe a faculdade de distinguir nitidamente os órgãos internos do corpo, sobretudo quando estavam doentes. Via perfeitamente a direção dos nervos e podia descrevê-los anatomicamente.

Uma varinha magnética, com uma ponta de ferro, colocada diante de sua vista direita e dirigida para um objeto afastado, desenvolvia seu poder de modo extraordinário; assim as menores estrêlas lhe pareciam tão grandes quanto a lua e a lua parecia tão grande que ela podia vêr claramente suas manchas. Ela, porém, nunca pôde vêr senão do lado di-

reito, pois o esquerdo ficava invisível. Ela dizia que os habitantes do lado esquerdo da lua estavam todos absorptos em suas construções e não eram tão felizes como os do lado direito. Eu lhe disse que pensava que isso não passasse de um sonho, porém ela protestava, acrescentando que o seu estado sonambúlico era um estado de vigília perfeita. E' de se lamentar que tais experiências tenham sido feitas numa época em que a vidente era incapaz de deixar seu leito e não podia entregar-se a uma observação mais prolongada dos corpos celestes.

Quando ela encontrava uma pessoa que havia perdido um membro, continuava a vê-lo ainda ligado ao corpo, isto é, continuava a divisar a forma do membro, produzi-

da pela projeção do fluido nervoso, do mesmo modo que via as formas fluídicas dos mortos.

Esse interessante fenômeno permite-nos explicar as sensações experimentadas pelas pessoas que sentem ainda o membro que foi amputado. A invisível forma fluídica do membro ainda está em relação de continuidade com o corpo visível e isso nos prova bastamente que depois da destruição do envoltório visível, a forma é conservada pelo fluido nervoso. O velho teósofo Oettinger já dissera: «O envoltório terrestre fica no túmulo, ao passo que a parte essencial e volátil sobe como um espírito de forma perfeita, mas privado de matéria».

A seguir, Cap. XII — O espírito protetor.

A OBRA DE GELEY



— III —

A individualidade psicológica, na ciência clássica materialista, depende do paralelismo psico-fisiológico: cada região do cérebro corresponde a uma faculdade, e, uma vez prejudicada aquela região do cérebro, cessa a faculdade; por exemplo, uma região rege a linguagem e, se for destruída, o homem perde a fala. Essas convicções duraram muito tempo, mas numerosas observações recentes vieram arruiná-las.

Foram realizadas amputações parciais do cérebro sem a correspondente alteração psíquica: cérebros inteiramente destruídos por um tumor não prejudicaram as faculdades psíquicas do enfermo. Estas observações, feitas por médicos ilustres de diversos países, lançaram por terra o paralelismo psico-fisiológico e demonstraram que a ciência materialista não pode explicar satisfatoriamente a individualidade psicológica. E' necessário recorrer à existência de um dínamo-psiquismo independente do cérebro, ou seja, em nossa linguagem espírita, à existência de um

Espírito que pode pensar independentemente do cérebro.

Depois de demonstrar exaustivamente essa incapacidade da ciência clássica para explicar os fenômenos psicológicos, Geley passa a tratar da psicologia subconsciente. Está verificado, e já se tornou domínio pacífico, que o Inconsciente exerce papel primordial no instinto, na psicologia inata, no psiquismo latente e no gênio. Esse subconsciente inato é, por vezes, de influência soberana e imperativa na vida do indivíduo. Não é necessário citar exemplos, porque sob os nomes de índole, ou de pendores, ou de genialidade, todos nós conhecemos numerosos exemplos. Existe, pois, um psiquismo oculto a que Geley dá o nome de criptopsiquia, mas além da criptopsiquia existe uma memória subconsciente que recebe e acumula tudo quanto nos passa pelos sentidos. Para essa memória não existe o esquecimento; ela conserva tudo quanto julgávamos olvidado para sempre, e em certas situações especiais traz tudo de novo à memória

consciente. Por vêzes essa ressurreição ocorre em momentos de perigo brusco de morte por acidente. Há casos em que o indivíduo recorda num instante toda a sua vida em todas as minúcias, todos os seus pensamentos mais remotos e esquecidos. A essa memória subconsciente, Geley dá o nome de criptomnesia. Onde se conserva ela, quando o cérebro todo já se refez pela sucessão das moléculas, e tudo parecia morto para sempre? Impossível compreendê-lo á luz da ciência materialista, mas fácilimo de explicação para a ciência espírita, pois que o Espírito, e não o corpo, é a personalidade pensante.

A seguir o nosso Autor estuda as alterações da personalidade. São dois problemas já ricamente registrado pelos cientistas:

1.º O problema da diferença psicológica em relação à personalidade normal: diferença não só de direção, de vontade, mas também de caráter geral, de tendências, de faculdades, de conhecimentos; diferenças tão radicais, algumas vêzes, que implicam, entre o «eu» normal e a personalidade segunda, oposição completa e hostil.

«2.º O problema das capacidades supranormais que vêm unidas frequentemente às manifestações da personalidade ou personalidades segundas».

Poderíamos acrescentar, por exemplo, diante de Francisco Cândido Xavier, que estas capacidades supranormais aparecem em centenas de «personalidades segundas».

Mas o que é verdade, fóra de

dúvida, é que a ciência materialista clássica não pode explicar nenhum dos dois problemas.

Aquí passa Geley a tratar do «subconsciente chamado supranormal» e diz logo que «a psicologia supranormal é um mundo, cuja exploração apenas se inicia».

Nesse capítulo alista êle: Leitura do pensamento; Sugestão mental; Telepatia; Lucidez, etc. Pela telepatia pôde-se ver à distância, ver num futuro próximo ou num passado próximo. Pela lucidez, em suas infinitas modalidades, o indivíduo obtém conhecimento sem o concurso dos sentidos, por vêzes a grande distância, outras vêzes no futuro. Por vêzes a lucidez alcança acontecimentos futuros e os descreve em todas as minúcias. Um só exemplo nos basta: Em 1868 Sonrel teve a visão minuciosa da guerra entre a França e a Alemanha em 1870-71: o desastre das armas francesas em Sédan, o sítio de Paris, a Comuna; a guerra de 1914-18; mas tudo relatou como no presente, como estando assistindo naquele momento aos acontecimentos, como pormenores precisos e verídicos.

Como explicar todos êsses fenômenos da psicologia supranormal pela ciência materialista?

Só admitindo a existência do Espírito com faculdade de comunicar-se com outros Espíritos mais elevados do que os habitantes da Terra, podemos começar a compreender tais fenômenos, ou, pelo menos, começar a perceber que «existe muita coisa além da nossa vã filosofia».

Quando as crenças espíritas se houverem vulgarizado, quando estiverem aceitas pelas massas humanas e, a julgar pela rapidez com que se propagam, êsse tempo não vem longe, com elas se dará o que tem acontecido a todas as idéias novas que hão encontrado oposição: os sábios se renderão a evidência. Até então será intempestivo desviá-los de seus trabalhos especiais, para obrigá-los a se ocuparem com um assunto estranho, que não lhes está nem nas atribuições, nem no programa. Enquanto isso não se verifica, os que, sem estado prévio e aprofundado da matéria, se pronunciam pela negativa e escarnecem de quem não lhes subscreve o conceito, esquecem que o mesmo se deu com a maior parte das grandes descobertas que fazem honra à humanidade.

Onde Ides, Mocidade Louca do Brasil ?

(Sôbre as Juventudes Espíritas Organizadas)

Um pouco de história. — Uma diretriz, fruto da Experiência. — Despersonalismo na ação visto de mais alto.

O movimento de *Juventudes Espíritas* nasceu em S. Paulo, no Bairro de Santana, aí por 1934.

Tivemos, para logo, uma carta de seu iniciador, convidando para êle a nossa adesão e colaboração.

Estavamos, porém, entregue a polêmicas, na suposição de que, terçando armas com sacerdotes e doutores, na defesa de princípios doutrinários, estivessemos servindo, melhormente, a Doutrina.

Contudo, escrevemos um artigo em REFORMADOR, animando o movimento e fundamos, no ano seguinte, a Mocidade Espírita de Nova-Iguassú.

A mais antiga, atualmente, no Brasil, porque fundada a 23 de Junho de 1935, visto como o movimento de S. Paulo fracassou.

Fomos, posteriormente, a S. Paulo, e assistimos, incógnito, a reunião de uma juventude espírita.

Números de música, declamação, muita paralogem sôbre o divórcio e sôbre a existência de Deus, e nada de Doutrina Espírita.

Decepção para nós.

Bem diferente era o programa do movimento de Nova-Iguassú, errado, ainda, numa coisa: na sua autonomia.

Não nos animamos; contudo, a sair a campo, agitando os moços, que as polêmicas ainda monopolizavam nossas atenções, nossa melhor atividade a serviço da Doutrina.

A construção do Lar de Jesus foi o *alto lá!* a nossas atividades polemísticas.

Nem pela atividade que os jovens espíritas de cá tiveram no evento, que foi marcante; nem por isso, nos resolvemos a sair a campo, agitando *Juventudes...*

Um ano mais tarde, cai-nos um jornal às mãos, profano, com um apêlo-comentário com o mesmo título destas razões.

Perguntava o jornalista, depois de tristes e dolorosas considerações:

— *Onde ides, mocidade louca do meu Brasil ?*

Dolorosas e tristes considerações mais ou menos assim:

— Mocidade que só vibra pelo futebol; que só leva a sério esportes e utilidades; que leva todo o ano em pleno carnaval e aguarda o carnaval do ano. Mocidade cuja cultura não sóbe além dos bonequinhos das têlas de cinema, de cantores de rádio e de jogadores de futebol. Mocidade que abarrota os ginásios menos para estudar do que para conseguir, de qualquer modo, certificados de exames finais, usando, para tanto, a cola como instituição legal. Mocidade que transferiu o talento da cabeça para os pés e para os músculos, por isso é que dos programas ginasiais, a parte esportiva é a que mais a interessa. Mocidade que perdeu o respeito aos mais velhos, que parece desconhecer a palavra *educação*. Mocidade que perdeu o apêgo à família e foge do decoro público, como aí estão provando seus modos e as cenas indecorosas de namoro nos veículos, nos cinemas, nas praias de banho, nas ruas. Mocidade que só sai à rua, em protestos coletivos, pugnando por descontos nas casas de espectáculos, como a campanha dos 50 o/o nos cinemas, embora em sessões nas horas das aulas, para gazeiar. Mocidade que, se não tem vícios, tem o vício de fumar...

Mocidade louca de meu Brasil, onde ides nesta disparada criminosa ?

Se o Brasil de hoje, governado por espíritos que vieram de regimens de vida e de educação em que se formaram os Rui Barbosa e Rio Branco, é isto que aí está, que será de vossa terra, quando fôr governada por vós, daqui ha 30 ou 50 anos ?

O painel chocou-nos dolorosamente, porque somos, ainda, dos que amam sua terra e sua gente.

E lembramo-nos que uma época houve em que, também em Paris, uma voz se ergueu, advertindo a mocidade. A voz

de Rauol Pictet, em 1908, que descobrira a mocidade francesa estava envenenada pela descrença e futilidades da época.

E a época não conhecia, ainda, o futebol feito profissão, fonte de riquezas e de glórias, cuja imprensa e rádio lhe dedicam páginas e mais páginas, programas e mais programas. Nem havia, ainda, o rádio e as radiomanias, glorificando toda sorte de futilidades.

Pior, portanto, a nossa época, que o envenenamento vai desagregando a nacionalidade, visto como já desagregou a família, o lar, a educação.

Sacudido pelo grito de alarma, foi, então, que resolvemos a algo que pudesse, de algum modo, atenuar, no mínimo que fosse, o descalabro.

Quanto mais não fosse, no campo espiritual.

Voltamo-nos, animado e animoso, ao movimento de juventudes Espíritas, só pelo prazer de animar, de incentivar, de arregimentar, por amor ao Brasil, por pena de muitos jovens, por serviço á Doutrina.

Dizemo-lo, para que não se pense, ferindo o «Não julgueis» do Evangelho, que estamos fazendo obra pessoal, que procuramos cartaz á custa das *Juventudes*.

Ao contrário: dispomos, mercê de Deus, de cartaz para colocá-lo a serviço das *Juventudes*.

E' o que vimos fazendo.

E decorre daí o desenvolvimento que o movimento de Juventudes Espíritas vai tendo no Brasil.

E' certo que sua hora chegou. Mas, se não houver quem viva o imperativo da hora, claro que a hora será adiada para outra época.

Foi bem o que se deu com a democracia e o Cristianismo, ha tantos séculos revelados á Terra, entretanto, ainda sem o seu perfeito cumprimento...

Preferimos, aliás, a conselho de Paulo de Tarso, dar a receber.

Para dar mais, muito mais, ao Movimento juvenil, é que fomos, em companhia do prezadissimo confrade, Artur Lins de Vasconcelos, ao illustre presidente da *Federação Espírita Brasileira*, que soubemos resolvera se interessar pelo movimento, aliás, com mais recursos e autoridade para tanto; para dar mais ao movimento, procurámos, assim, aquela casa,

para transferir o pouco que já temos feito em prol do movimento.

E êste pouco já monta a cento e poucos movimentos organizados por nossa influência direta ou indireta, espalhados de Norte a Sul, do litoral ao centro do País. Uns 80% a trabalhar por um só programa, cada um dentro de suas possibilidades, uns a dar mais, outros, menos.

Deixamos com aquele illustre confrade três questões a ser estudadas e, posteriormente, resolvidas:

a) Se interessa á *Federação Espírita Brasileira* encampar o que vimos fazendo para a arregimentação de moços espíritas em *Juventudes*, afim de orientar uniformemente, o movimento;

b) Se quer promover o 1.º Congresso de *Juventudes Espíritas*, talvez no ano próximo, pelas férias de Julho, para maior desenvolvimento e incentivo ao movimento, de que poderá sair o Conselho orientador das *Juventudes* do Brasil;

c) Se quer nossa colaboração espontânea para tanto, visto como, colocando a Doutrina acima dos agrupamentos sociais, e êstes, acima dos indivíduos, estaremos, sempre onde nos chame o trabalho eficiente e honesto, sem paixões e propósitos subalternos.

Parece-nos que assim procedendo estamos dando provas concretas de nosso despersonalismo. De resto, se o que já fizemos, até agora, tivesse carácter de obra pessoal, certamente que *não seríamos visto do mais alto e por quem nos conhece melhor*, porque por José Petitinga, que nos trouxe, ha mais de trinta anos, para a Doutrina, conforme a Mensagem que nos enviou pela mediunidade do Chico Xavier, Mensagem mediúnica, recebida depois de um programa de intensa vibração doutrinário-artística, com música, declamação e canto espiritualistas, mensagem que publicámos com a denominação de *Espiritismo de Vivos*.

Ninguém, de resto, faça obra pessoal no Espiritismo, nem, tampouco, obra, com segundas intenções, em tórno de grupinhos, que o Espiritismo é obra de aproximação e confraternização em nome do Cristo e por amor do Cristo...

Rolará, agarrado a sua obra, quem assim proceder...

No serviço da Doutrina, o bom operário receberá cem por um que faça. A's vezes, até mais, por misericór-

dia e de acréscimo, que é o nosso caso.

Temos recebido mil por um, pelo pouco que já envidámos a pród dêste movimento, já reunindo, por toda parte jovens entusiastas em *juventudes organizadas*, já contagiando de nosso entusiasmo jovens de cabelos grisalhos, como nós.

E que desejamos nós, senão que esses jovens trabalhem, progridam, se unam e realizem obras dignas deles e da Doutrina!

Sómente nisso, que não em posto algum de comando e orientação sistemática, está a maior recompensa que podemos esperar de tão santo labor.

Quasi duas centenas de Juventudes Espíritas já se agitam por aí além.

Quasi uma centena a trabalhar por um mesmo programa. Um esforço eficiente para, talvez, realizar aquilo que espíritas de nossa idade não conseguem: unidade de trabalho e de ação.

Mais de uma centena a trocar correspondência animada sôbre coisas da Doutrina, cimentando amizades sinceras que desafiarão, por certo, espaço e tempo.

E as «Juventudes» que trabalham «ombro a ombro e lado a lado com os «maduros» e experimentados, recebendo dêstes estímulos e experiências e conferindo-lhes calor e vivacidade, estas, as que vão produzindo mais e melhor. Donde, a conclusão que tiramos de que uma *Juventude Espírita* deve funcionar como departamento de uma instituição já existente. Seu departamento juvenil. Deve funcionar assim, por medida cristã, para a obra de solidariedade, por economia de tudo.

Juventude espírita autônoma, que funcione confiada em si mesmo, parece reino dividido. E todo reino dividido... Além do mais, a trabalhadora para a construção de sédes e as dificuldades para o registro jurídico, de vez que os juveninos são, na sua maioria, de menor idade?...

Os moços podem muito, é fato, pela força da mocidade mesma, de seu entusiasmo. Mas, sem a experiência que só os anos podem trazer...

Entregues a si mesmos, os moços

fazem mais tolices do que coisas que sirvam. E não é nenhuma novidade, visto como ha tanta tolice de velhos, por aí afóra.

Temos exempls cá por cá, a dentro do movimento moço mais velho do Brasil.

Já atravessou três fases distintas, só não deixando de existir, devido a ponderação dos mais velhos.

Na primeira fase foi dirigido por jovem professora e por um intelectual, jornalista e polemista. Fracasso.

Na segunda fase, por excelente médium, oradora e receitista. Fracasso.

Podemos alinhar aqui outros exemplos. E até mais chocantes.

A autonomia de movimentos juvenis, sôbre ser manifestação orgulhosa de confiança em si mesmo, é prenúncio forte de falência antecipada.

Daí, a necessidade de mentores, ou que outro nome tenham, experimentados.

Somos dos que ouviram em moço que «o Espiritismo é sério de mais para interessar a moços, que não levam nada a sério.»

Pregamos, hoje, o contrário, conscio de que jovens bem orientados e consciêntes, levam as coisas mais a sério do que se póde julgar.

Bem orientados, é bem de ver, que não orientados por si mesmos, que lhes faltam, em consequência de sua pouca idade, «engenho e arte» para tanto.

Nesse caso, verificamos que é mais fácil—e aqui repetimos uma vez mais—, contagiar os moços de entusiasmos e vibrações santas, do que levar velhos espíritas a despir os andrajos de homem velho, que eles pensam são roupagens.

E continuaremos, de qualquer modo, a animar os jovens para o serviço de sua espiritualização, para sua arregimentação em *Juventudes Organizadas*, na consciência de que lhes estamos prestando um grande serviço. E bem maior ao Brasil e ao Espiritismo...

Leopoldo Machado.

Imenso é o trabalho que vos compete realizar na seára espírita. Uni-vos cada vez mais em espírito de solidariedade, sob o lema — todos por um e um por todos, afim de que o vosso trabalho se complete no Senhor.

Camargo.

OS SINAIS DOS TEMPOS

J. B. Chagas

«E farei ver prodígios em cima no céu e sinais em baixo na terra, sangue, fogo e vapor de fumo. Mas, não será o fim.»

Depois das previsões feitas por Jesus acêrca do fim dos tempos, ou seja do cumprimento das Escrituras, pediram os fariseus que lhes mostrasse algum prodígio no céu. Mas, Jesus, «arrancando do íntimo do coração um suspiro», disse:—«Por que me pede esta geração um prodígio? Em verdade, vos digo que a esta geração se não concederá prodígio». (Marc. VIII-12).

Realmente, a geração que aí está, sem atrativos e sem beleza, passará, sem ser digna de muito receber, porque se tornou indigna dessa graça; ela ficará assinalada por grandes descobertas, é verdade, mas no sentido do mal. Daí Jesus ter dito que a esta geração não seria concedido nenhum prodígio.

Mas, eles insistiram:—«Então, dizenos, quando estas coisas hão de suceder. Que sinal haverá, quando estas profecias começarem a se cumprir?»

E o Mestre com a serenidade que lhe era peculiar, lhes diz:—«Quando isto acontecerá, daquêle dia, daquela hora, ninguém o sabe; nem os anjos dos céus, senão o Pai» (Mat. XXIV-36). Todavia, prosseguiu, Jesus:—«Quando ouvirdes falar de guerras e de tumultos, não vos assusteis; estas coisas, sim, devem suceder primeiro, mas não será logo o fim. E, então, levantar-se-á nação contra nação e reino contra reino. Haverá grandes terremotos por varias partes, e epidemias e fomes, e aparecerão *coisas espantosas* e grandes sinais no céu; e haverá sinais no sol e na lua e nas estrelas, e na terra consternação das gentes, pela confusão em que as porá o bramido do mar. Mas, antes de tudo isto, lançar-vos-ão eles as mãos, e perseguir-vos-ão, entregando-vos ás sinagogas e aos cárceres, levando-vos à presença dos reis e dos governadores, por causa do meu nome. Isto vos será ocasião de dardes testemunho» (Luc. XXI-9-13).

E' o cumprimento integral da profecia de Joel:—«Depois disto acontecerá também o que vou a dizer:—Eu derra-

marei o meu espírito sôbre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos velhos serão instruídos por sonhos, e os vossos mancebos terão visões. E derramarei também naqueles dias o meu espírito sôbre os meus servos, e sôbre as minhas servas. E darei a vêr prodígios no céu, e na terra prodígios de sangue, e de fogo, e de vapor de fumo» (Joel, II-28-30).

Embora Jesus tenha dito que o Pai saberia quando estas coisas se dariam, nós outros, pelos sinais que êle próprio avisou que apareceriam, no céu e na terra, estamos capacitados para compreender, que os tempos previstos, são os que estamos vivendo, pois, não só estamos observando os sinais no céu e na terra, como as *coisas espantosas*, de que também nos falou Jesus.

E como na hora que passa, tudo prenuncia a chegada dos tempos novos, mister se faz que os espíritas, muito justamente, considerados «os escolhidos do Pai» ou seja «os trabalhadores da undécima hora», se preparem para enfrentar com denôdo as lutas que terão de vir.

Por toda a parte estão surgindo os *médiuns*, curando, fazendo andar os paralíticos, operando os mesmos prodígios que Jesus fizera, e até mesmo no seio da própria Igreja: Os padres também estão curando... E como também estava previsto, estão sendo provados na sua fé, ou seja, estão vivendo aquela hora do testemunho, de que nos fala Lucas.

Madame Jael, em Pernambuco, para poder continuar a aplicar os «passes», que realmente curam, acaba de requerer um mandato de segurança. O padre Antonio, em Ucrânia, no Sul do País, está também produzindo curas. No segundo caso, porém, na opinião de outro sacerdote, o vigário de Ucrânia — «As benções que o padre Antonio administra aos milhares de fieis que o procuram são as mesmas que qualquer sacerdote pôde administrar. Aliás, todos nós, ministros de Deus, somos obrigados a ministrá-las. Portanto, elas são lançadas em rigorosa observância aos dog-

mas da igreja. Nada de exorcismos, como admitem alguns insensatos».

Que melhores sinais poderíamos desejar do que êstes?

Mas, Jesus, consoladoramente, diz: «Importa que estas coisas sucedam, êste não será ainda o fim!» (Mar. XIII-7).

E realmente, não será o fim, porque, nada terá fim sôbre a terra. Dentro do preceito da lei de evolução, tudo se transforma; tudo desaparece, para reaparecer depois!

* * *

O ano dois mil, depois de Jesus Cristo, assinala, apenas, a conclusão do milênio, nos destinos da Humanidade, ou seja o término da era adâmica.

Por isto não será o fim; porque a vida continuará, através das épocas e dos tempos!...

Com o término do milênio, a terra terá atingido, o cume ou o vértice da escala, na história da sua evolução planetária, quando, então, passará a uma nova categoria; quando haverá o absoluto domínio do homem privilegiado do terceiro milênio. Por fôrça das circunstâncias, êle, terá substituído, nas suas perquirições, a psicologia experimental pela psicologia intuitiva.

O problema fundamental da paz do futuro, seu fator primordial, residirá no elemento homem. Êle será a chave do mundo do futuro. Estará onde estiver o homem, como a razão de ser das suas ações, fonte primária de todos os acontecimentos.

«Não haverá, portanto, mundo melhor sem homens melhores», diz-nos *Emanuel*, em sábia comunicação.

Nova Iguassú, Agosto de 1947.

Mesas e Cabeças Girantes

Um amigo nosso, médico, delicia se, agora, com um livro intitulado — *Espiritismo no Brasil* — editado há uns quinze anos. E' êle da autoria de dois ilustres psiquiatras, reforçando-lhe e robustecendo-lhe as páginas uma bellissima pléiade formada de doutores de vária espécie, que vieram todos dar o seu parecer contra o Espiritismo e seu apoio a uma campanha de repressão a tão nefasta doutrina.

O nosso amigo está um tanto ou quanto impressionado com os estragos que aquêle ariete vem fazendo nas fileiras espíritas, principalmente depois que houve uns debates em certa sociedade por êle frequentada, e em vista das citações contínuas hauridas no famoso livro.

Um dos pontos ventilados foi o das mesas girantes que, no opinar da douta assembléa, e diante das discussões em torno do assunto, ficou inteiramente liquidado. Liquidaram-no as páginas do referido tratado, com as luzes dos seus abalizados colaboradores.

Boa oportunidade para focalizar a matéria.

Ora, na citada obra, dizem os seus autores, escudados em Chevreul:

«Os pensamentos provocam os movimentos involuntários. E' o pensamento que põe a mesa em movimento, contra a vontade individual. Da mesma forma que nas experiências com a varinha adivinhatória e com o pêndulo explorador, os processos intelectuais postos em jôgo não são sómente involuntários, mas também inconscientes».

Depois desta proposição, os referidos autores declaram que o médium ignora o movimento da mesa e não reconhece como suas as respostas dadas. Ilacção que se impõe: suporem que se trata de Espíritos. E para demonstrarem que as falas da mesinha devem ser do médium ou de quem lhes toca, tratam das experiências de Baudoin, experiências, segundo os autores, «altamente demonstrativas dêsses factos».

Preliminarmente, conviria indagar se se trata de pensamento ou subconsciente. Adiante, porém. Essas experiências *altamente demonstrativas* consistem no seguinte: Trata-se de um círculo em que se traçam linhas. Um indivíduo passa a mão num pêndulo e lhe mandam que «pense bem» numa das linhas, acompanhando-a mentalmente de uma extremidade à outra. No fim de alguns segundos, o pêndulo começa a oscilar na direção

da linha. De onde se conclue que pêndulo de Baudoin, varinha adivinatória e mesa girante é tudo a mesma coisa. E está explicado tudo!

Quem conhece, porém, os mencionados fenômenos, verifica que êles se parecem uns com outros como ovos com espetos.

Entre o pêndulo e a vâra mágica não há nada de comum, como não se assemelham os prodígios da vâra com as falas da mesa, como nada há que faça confundir a mesa girante com o pêndulo.

Na dita experiência de Baudoin, o indivíduo tem diante dos olhos um círculo com linhas, isto é, qualquer coisa que êle vê e na qual mandam que «*pense bem*». São, por consequência, banalíssimos movimentos de músculos, de acôrdo com o pensamento do indivíduo. Aí pôde bem ser que o pensamento dirija os músculos e os músculos façam mover o pêndulo. Pode ser...

Diversíssimo é o caso da varinha mágica, onde o agente sáí a descobrir coisas *que nunca estiverem em seu pensamento*, e muito menos em seu inconsciente, que êle não viu, que não sabe onde estão, que não sabe como são. Tem como guia único a varinha. E com ela descobre lençóis d'água, minérios, tesouros, objetos ocultos...

Em que se pôde relacionar o fenômeno com o do pêndulo, onde o experimentador tem tudo à vista, onde sabe que o pêndulo deve orientar-se de certo modo e onde um minúsculo movimento de mão é o suficiente para que a orientação se verifique?

Não se pôde dizer, com a varinha, que o pensamento provocou o que quer que seja, porque o explorador desconhece, por completo, o lugar em que se acha o que êle vai descobrir, e, muitas vezes o que deve ser descoberto. Que pensamentos podem aqui provocar os movimentos? Pensamentos de que? Como poderão agir os pensamentos? E' realmente pena que o Chevreul, ou o Baudoin, ou os autores do *Espiritismo no Brasil* não nos possam explicar isto. Quanto aos autores, dêles espero há 15 anos uma informação a respeito. Nada até agora!

Sem esperança de explicação, prosigamos.

Muito mais complicada, ainda, é a questão da mesa giratória. Em 1.º lugar, conviria que os autores nos esclarecessem

sôbre o processo por que o pensamento de determinada pessoa fará da mesa giratória um ser raciocinante. A mesa não se limita a simples movimentos oscilatórios, como no caso do pêndulo e da vâra: ela soletra o alfabeto, apresenta palavras; estas formam frases, e as frases juízos. Ela pensa, raciocina, discute, revolta-se, contesta, contradiz, adivinha, arrazôa... Fala no em que ninguém pensa, assombra pelo imprevisto. A's vezes se mostra superior em moral, em inteligência e em conhecimentos, aos circunstantes. Fabrica prosa e versos admiráveis, constrói sentenças, forma doutrina, aconselha, identifica uma pessoa morta, faz revelações, diz coisas de todos ignoradas, previne, premune...

Muito parecido com o pêndulo!... Mas é uma parecença que só podem perceber os afortunados, os «iniciados» em tais questões.

Os profanos como nós, nem por esforço, mais mágico que o da vâra, poderão abiscoitar a analogia. Porque não basta afirmar que é o pensamento que transmite à mesa o dom da palavra e da razão. Seria conveniente elucidar-nos por que artes se senta um médium de poucas letras ou mesmo de nenhuma, a certa mesinha, sem que o mandem «pensar bem» em nada, sem que êle pense no que vai dizer a mesa, ou pense mesmo em coisa alguma — e entra a mesa a discorrer.

Ainda há mais: a mesa move-se e discursa sem que lhe toquem. A transmissão do pensamento aí é que é um caso sério! E que semelhança com o pêndulo de Baudoin!...

Já seria difícil perceber como os músculos de alguém pudessem imprimir velozmente, febrilmente, instantâneamente letras, palavras, frases, períodos, idéias, sentenças, mensagens; já respondendo a perguntas, já revidando aos interlocutores, já os contrariando, já prestando informes, já fazendo descobrimentos, já dizendo coisas inesperadas, já prevendo acontecimentos, já se identificando como um defunto, e, por vezes, defunto de que ninguém cuidou, já produzindo notáveis peças... Tudo isto seria difficilimo perceber com o auxílio das mãos; como se poderia explicar, sem o auxílio de mão nenhuma, é o que suplicariamos nos esclarecesse a douta assembléia em que estive o nosso amigo, já que perdemos a esperança nas

elucidações dos autores do livro fulminante, e é impossível ir buscar o Baudoin ou o Chevreul.

Teríamos, pois, que o pensamento passaria para a mesa sem veículo. Que progresso! Melhor que o fio telefônico.

Já não podemos mais apeiar para os pensamentos provocadores de movimentos involuntários. Aqui as idéias teriam que transformar-se em alavancas capazes de fazer mexer a mesa, e a alavanca em abecedário, e o abecedário em cartilha, e a cartilha em discurso.

Há ainda mais e melhor. Quer tenham as mãos sôbre a mesa, quer não as tenham, existem sempre várias pessoas e vários médiuns numa sessão. E, por vezes, tantos quantos são os seus componentes. E' impossível acreditar que estejam todos pensando exáta, precisa, justamente, da mesma forma. Nunca houve isso! Cada qual deve ter uma preocupação diversa, um pensamento diverso, uma interrogação diversa. Entretanto, não há uma baralhada infernal; não se verifica nenhuma confusão. Ao invés de um pandemônio, de uma tôrre de Babel, de uma

embrulhada terrível, que seria a tradução, pela mesa, ainda que por processos misteriosos, de um pensar à mistura, de uma verdadeira miscelânea de idéias, conjeturas, suposições, dúvidas, interrogações, conceitos, ou subconscientes, a mesa expressa-se com ordem e método, rebate os pensamentos e as proposições apresentadas, age com perfeita independência. E teima, por fim, em declarar-se um defunto, isto unanimemente, continuamente, quaisquer que sejam as doutrinas filosóficas ou religiosas da comunidade.

Enfim, já que saindo do pêndulo, do círculo ou das retas de Baudoin, os honrados psiquiatras e seus admiradores nada mais nos têm dito que nos elucide, pediríamos ao amigo que voltasse à douta assembléia, onde com tanto critério e sabedoria se discutiu e aprovou a tese do importante livro, e nos trouxesse a explicação que a nossa ignorância suscita.

E ousamos êsse pedido, com receio de que as nossas cabeças fiquem girando mais que as mesas.

Carlos Imbassahy.

☉ Fenômenos de Materialização ☉

X

Na terça-feira extinta, dia 28, o «André Luiz» esteve cheio de vibrações durante a reunião alí realizada, da qual estive ausente por motivos de fôrça maior, sob a presidência da senhorinha Lais Teixeira Dias, onde se verificaram importantes fenômenos transcendentis de efeitos físicos, os quais nos foram relatados com extremo entusiasmo, por diversos companheiros de lides doutrinárias. Subemos, por exemplo, que depois de se terem materializado os espíritos bondosos de Scheila e Baturia, os quais vieram ao recinto, tocando vários assistentes, materializou-se pela primeira vez o patrono do Grupo, o preclaro espírito de André Luiz, discorrendo sôbre o Evangelho, com segurança e sabedoria, trazendo a assistência em suspenso com a sua voz firme, forte e penetrante provocando fortísimas emoções nos presentes que, contagiados por um sentimento afetoso e fraterno, chegaram a banhar suas faces de lágrimas confortadoras. Depois disso — infor-

maram-me — Neusa recomenda que convidem seu pai para assistir os trabalhos da próxima reunião e Scheila, por sua vez, tece vários comentários e expende considerações oportunas ácerca dos princípios geráis da Doutrina, mandando encerrar os trabalhos. Pois bem: foi debaixo desta influência benéfica que iniciamos hoje, sábado, 1.º de Fevereiro, a nossa sessão de tratamento espiritual, com uma assistência enorme, composta do considerável número de vinte e nove pessoas, incluindo os componentes do Grupo e alguns visitantes do Rio, de Nova Iguaçu e de Juiz de Fôra. Os trabalhos foram dirigidos pelo Ferreira, que faz a prece inicial e lê um capítulo do livro «O Nosso Lar» comentado por mim, na segunda parte da reunião. Arací dá-nos excelentes conselhos, por incorporação, através do médium Lins, fazendo ver a significação e o alcance das nossas reuniões e esclarecendo aos visitantes a melhor maneira de se conduzirem durante a

sessão, recomendando á presidência que, iniciada a segunda parte, procedesse a narrativa dos resultados a que nos tem conduzido as nossas reuniões de tratamento astral, no processo de transmutação de células, o que realmente foi feito. Recolhido o médium á cabine e depois de cantado o hino «Entardecer», o Ferreira relata o seu caso pessoal tecendo comentários sôbre a intervenção cirúrgica e a consequente cura, com que foi beneficiada sua esposa. Da cabine, a esta altura dos trabalhos, fazem-se várias explorações de luz de cores várias, sendo que se verificou o facto de se apresentarem, simultaneamente, êsses fenômenos, nas duas extremidades do recinto. Scheila, avisa-nos para que conservassemos acêsa a lâmpada pequena, durante algum tempo mais, pois que esta não estava prejudicando a boa produção dos fenômenos. O bondoso espírito vem, materializado, ao recinto, ostentando suas belas tranças, trajando diferentemente de como se nos tem apresentado e avisando o nosso irmão Magaldi de que sua filha, a nossa meiga Neuza, se materializaria, mas que fizesse todos os esforços para não se emocionar, prejudicando, talvez, o brilho do seu contacto. O nosso confrade diz estar munido de todas as energias para a eventualidade da apreciação da realização do seu grande sonho, que era o de ver e falar com o ente querido que ha poucos mêses, ainda era o ornamento fidalgo do seu lar. Scheila ainda volta ao recinto depois de volver à cabine, fazendo passes nas pessoas, entre os assistentes, destacados para serem tratados na reunião. O Ferreira estabelece uma espécie de inquérito, dando a palavra aos visitantes e a alguns confrades da casa, cada qual externando o seu ponto de vista sôbre o que lhes era dado presenciar. O confrade Newton de Barros, professor do Ginásio Leopoldo, de Nova Iguassú, diz do seu entusiasmo em apreciar os singulares fenômenos correntes, dizendo-se encantado, embora soubesse que os mesmos se realizavam facilmente e não obstante êles não o levarem a convencer-se mais do que já está, pois que de ha muito estava convencido da imortalidade da alma, da pluralidade da existência e da comunicação dos espíritos, por diversas maneiras, segundo as diferentes modalidades mediúnicas. O irmão Aleixo Victor Magaldi, farmacêutico, poeta e jornalista, professor

da Escola Superior de Farmácia e Odontologia, de Juiz de Fôra, diz estar deslumbrado com o que estava assistindo, não propriamente com a apreciação dos fenômenos de materialização propriamente ditos, dos quais já tinha conhecimento, em minucias, pela leitura dos clássicos, mas principalmente pelo processo de curas por meio da troca de células que os espíritos manejavam facilmente, acontecimento que vinha marcar um evidente progresso na ciência de curar as enfermidades físicas, ampliando, quasi ao infinito, as possibilidades de êxito no difícil e delicado ministério, cavando assim, sulcos profundos nos processos convencionais e exclusivistas, geralmente eivados de pruridos sectaristas, das ciências oficiais. Depois de uma prece, por mim proferida, Neusa Magaldi se materializa, chegando perto do seu pai, não podendo tocá-lo devido a ter sentido profunda emoção, recuando, a soluçar, com as mãos cobrindo o rosto, como a querer suster o pranto que a dominava. O José, volta a falar-nos para nos dizer que Neuza ainda voltava depois de refazer-se da explosão emocional que a acometera, adiantando que ela estava sendo assistida pelos demais guias, os quais lhe ministravam passes magnéticos. D. Marília Barbosa Machado é convidada a dizer das impressões que a dominavam, acedendo ela com o proporcionar-nos uma substanciosa preleção, dizendo que, com esta, completavam-se três vezes em que ela tomava parte de sessões de efeitos físicos, sendo uma em Macaé, E. do Rio e outra em Uberaba, E. de Minas, porém a esta ela acorreu com maior interêsse, em virtude de ter ciência de aquí se haver, já, materializado o caro espírito que animou o corpo de sua progenitora nesta existência, não por mera curiosidade, sim por desejar receber do espírito familiar as elucidações e o confôrto de que carecia. A jovem Ilza Chaves de Almeida, contadora, diz do seu contentamento em assistir aos transcendentos trabalhos, produzindo um ligeiro improviso de cunho essencialmente evangélico. O Luiz Mesculin Junior, contador e presidente de um Centro Espírita de Juiz Fôra, comenta o facto de já ter assistido várias vezes às nossas sessões, porém só nesta é que presenciava os fenômenos de materialização. Diz ter verdadeira veneração ao espírito de nosso patrono, tendo êste, já, se apresentado

aos olhos espirituais de sua esposa, médium vidente e de incorporação, tendo também, através dela, dado brilhante comunicação. D. Margarida Melich expende sua opinião pessoal a respeito dos fenômenos que tem observado, como componente do Grupo para onde veio, por necessidade, para cura de seus males físicos, por indicação dos nossos guias. O Ferreira relata o facto de várias curas aqui verificadas, e em Macaé, explicando outrossim as razões da fundação do nosso Grupo. Eu, visado pelas referências do Ferreira, que me qualificavam entre as pessoas de sua afinidade e simpatia, de que precisava para organizar uma instituição modelar, que se transformasse num prolongamento do Grupo Espírita «Pedro», de Macaé, E. do Rio, onde se realizam sessões de efeitos físicos com uma finalidade superior à da simples produção de fenômenos, qual seja a de cura dos males físicos, tomo a palavra para expôr que, vindo de Astolfo Dutra, Minas, onde ajudei a fundar e presidi, durante dez anos, a Cabana Espírita «Abel Gomes», cheguei a sentir-me desolado por desilusões que me arrastaram a três anos de inatividade nas lides difusoras da Doutrina, tendo-me eu reencontrado, recobrando a serenidade e o vigor que deveriam guiar as minhas atividades doutrinárias, com o me integrar no movimento confraternativo das Semanas Espíritas e com a fundação do nosso Grupo «André Luiz», onde já tive oportunidade de ver muitas entidades espirituais materializadas, entre as quais os queridos espíritos de Abel Gomes e David Pais dos Santos, o primeiro, meu grande amigo e mestre e o segundo, meu pai nesta existência, um e outro protetores e mentores meus de todas horas; onde já vi realizadas curas admiráveis e onde afinal e principalmente vi transformarem-se, convertendo-se à Doutrina da Terceira Revelação, os meus parentes e afins mais próximos e os meus amigos mais íntimos. Baturira vem à assistência, materializado apresentando suas respeitáveis barbas, desta vez de cor de azeviche. O espírito de Fidelino aparece-nos, como sempre, aureolado de luz. Neuza, materializada, volta à assistência, dirigindo-se ao seu pai e mantendo com êle rápido diálogo interrompido pela emoção mútua, regressando logo à cabine. Os assistentes cantam «Almas Gêmeas», enquanto que se materializa Nina Arneira,

que vem fazer passes na nossa confrade Lais, aparecendo, concomitantemente, também materializado o espírito de Neuza, no centro da cabine em plano superior, tocando quasi o teto, movimentando-se como se fôra uma pessoa da terra. Um outro espírito aparece então, materializado, que foi logo identificado pelo de «Mãe Iza», dirigindo-se por meio de palavras carinhosas à sua filha, D. Marília Barbosa Machado e sua neta Ilza Chaves de Almeida! O José Grosso fala-nos para nos avisar de que nos tinha deixado uma luva de parafina, apresentando o modelo de uma das mãos e o respectivo braço, aparecendo em seguida, do lado direito da cabine, materializado, com a sua respeitável estatura de cerca de dois metros, escrevendo versos nos papeis ali colocados, em branco, com as rubricas minha, do Vitorino e do Ferreira. E enquanto escrevia, um fóco de luz se projetava sôbre o seu vulto, como se fôra um faról a projetar-lhe os seus raios luminosos. O autor dêste fenômeno foi o Fidelino: O José ainda nos joga pedras, das quais oferece nominalmente uma, a menor, à D. Risoleta e outra, a maior, ao Inácio e avisa-nos de que Araci e Baturira tinham deixado dois sônetos no album da Dulcinha. Uma voz gutural enérgica, se ouve. Era o querido espírito de «André Luiz» que nos mimoseava com uma palestra doutrinária, orientando-nos por fim, de que deveríamos encerrar os trabalhos. O Ferreira faz a prece inicial, indo à cabine dar um passe magnético no médium, despertando-o. Fomos à cabine apanhar a luva que o José nos ofereceu e encontramos os dois sonetos no album da Dulce, juntamente com os papeis contendo a mensagem poética do José, homenageando a quasi todos os assistentes, produções essas que tenho o prazer de transcrever linhas abaixo. Poucas pessoas se submeteram à prova da pesagem devido ao grande número de assistentes mas, dos que o fizeram, constatou-se que o Gonçalves perdeu três quilos, o Inácio 1/2 quilo, o Perrota 1/2 quilo e o Peixoto um quilo.

«Para o album da Dulcinha

Menina — moça, formosa,
 Liberta-te, da ilusão;
 Procura o doce clarão
 Dessa vida esplendorosa.

Nessa idade, és uma rosa,
Um jasmin ainda em botão;
Põe Jesus no coração
Que ficarás perfumosa.

Que sejas sempre um encanto
De amor puro e sacrosanto
Para toda a humanidade.

Trabalha para Jesus
E com carinho conduz
A todos da tua idade.

Do Baturira»

«Súplica

A' Dulcinha

Meu Jesus, dá-me o calor
Do Evangelho da Verdade,
Para que eu, com destemor
Conquiste a felicidade.

Que eu receba a luz do amor
Da divina Caridade
E que, assim, possa transpor
A porta da eternidade.

Que eu seja feliz na Terra
E conquiste a paz, que encerra,
Tua doutrina de luz.

Que eu, no Infinito azulado,
Possa viver ao teu lado
Oh! meu querido Jesus.

Arací»

Mensagem de escrita diréta

Por José Grosso, homenageando
os visitantes e os componentes do
«André Luiz»:

»Mãe Marília, se as mulheres
Compreendessem a Verdade,
Para seguir teu exemplo,
Da terra eu tinha saudade.

Madalena, continua
Iluminando a idéia
Fazendo o que fez a outra
Madalena da Judéia.

Emília, ampara os doentes
Com tua mediunidade,
Afim de que o teu futuro
Seja de felicidade.

Risoleta, brevemente
— Já tenho plena certeza —
Irás substituir o »casca». (1)
O' que grandiosa surpresa !...

O' minha irmã Margarida,
Da «Escola Nina Arneira»,
Esclarece os teus irmãos
Nesta vida passageira.

O Professor, (2) aí presente,
Estimule a mocidade
A' conquista, nesta vida,
Da santa Luz da Verdade.

O *fotógrafo* (3) que aí está
P'ra tirar fotografia...
A minha, vou vender caro
A bem do Lar de Maria!

E essas nossas *irmãzinhas*
Merecem versos também,
Porque a todos o Zé Grosso
Lhes deseja muito bem.

Láís—cantora do Grupo,
Que anima a nossa reunião...
Que Fidelinho ilumine
Seu bondoso coração.

Lenice, peço a «vancê»
Que incentive, com bondade,
P'ra que «vancês» representem
Em nossa Mocidade.

Amadeu, é necessário,
Para se ser de Jesus,
Perdoar os inimigos
Dando os exemplos de luz.

Ferreira, «vancê» precisa,
Com carinho e amizade,
Cultivar em Macaé
Aquela fraternidade.

Rodrigo, para «vancê»,
Por ser meu amigo velho,
Seja mais interessado
Pelas coisas do Evangelho.

Inacio, «vancê» receba
O meu pobre coração;
Precisas sair da dúvida
Para sua salvação.

Jacques, te chamam chorão!
E' a expressão do sentimento;
Dos tempos desperdiçados
Tu tens arrependimento.

Lulu, vens de Juiz de Fóra
Trabalhar pela Verdade!
Age e vê se tu consegues
Semear luz, fraternidade.

Magaldi, «vancê» veio ver
Sua filhinha querida
Mas a emoção não deixou
Ver a vida da sua vida!

O «casca» hoje completa
Um ano mais seu de idade!
Abracem-no, vós, por mim,
Com muita fraternidade.

Ilza, Scheila lhe ofertou,
Pedindo p'ra não ter mêdo,
Uma quadrinha bonita
Na Fazenda do Rochedo.

Dulcinha, teu «albo» tem,
De nossa Arací, uma prece!
Orando pede a assistência
Que o teu espírito carece.

Para a esposa do *Lulu*:
Lute com teu companheiro,
Semeando fraternidade,
Êsse sonho hospitaleiro!...»

Rio de Janeiro, 1.º de Fevereiro de 1947.

AMADEU SANTOS.

/// Vidas Sucessivas ///

A doutrina das vidas sucessivas, que o Espiritismo incorporou aos princípios de sua filosofia, era ensinada na antiguidade pelos filósofos e grandes instrutores da humanidade e constituía um dos pontos fundamentais dessas antigas filosofias religiosas, que eram prégadas ao povo, óra esotérica, óra exotericamente, de sorte que não se pôde insinuar que seja uma doutrina fundada pelo Espiritismo.

E' velha, muito velha e os mais antigos iniciados conheciam-na e prégavam-na, mais ou menos desenvolvidamente, de acôrdo com a época e o progresso das inteligências.

No «Bagavad-Gita», o Evangelho da Índia, Khrishna assim se exprime, prégando eloquente e indisfarçavelmente a doutrina reincarnacionista: «Eu e vós tivemos vários nascimentos. Os meus só são conhecidos por mim; mas, vós não conheceis os vossos. Conquanto eu não seja mais, por minha natureza, sujeito a nascer e a morrer, contudo, todas as vezes que a virtude declina no mundo e que o vilão e a injustiça exorbitam, então, eu me torno visível e, assim, me mostro de éra em éra para a salvação do justo, o castigo do mau e o restabelecimento da verdade. — Tudo o que nos sucede neste

mundo é a consequência dos atos anteriores. Somos o que pensamos, e os atos da presente existência amadurecem numa vida futura».

São êsses os antigos ensinamentos de Khrishna a propósito das vidas sucessivas e constantes do «Bagavad-Gita».

De «Trimegisto» chega até nós esta interessante revelação que nos patenteia a face evolucionista da filosofia palingenésica: «A pedra se converte em planta, a planta em animal, o animal em homem, o homem em espírito, o espírito em Deus». Profundo e verdadeiro, êsse conceito da vida imortal ainda se mantém de pé.

Os velhos brâhmanes e budhistas ainda conservam êste ensinamento induísta, que vem atravessando gerações sobre gerações: «A alma dorme na pedra, vive na planta, move-se no animal e desperta no homem». E' o princípio inteligente, é o elemento imortal, independente da matéria, que, animando essas formas materiais, vai ascendendo sempre para planos cada vez mais elevados. Êsses dois importantes ensinamentos da filosofia induísta representam, sem dúvida, a mais profunda e generalizada concepção que se pôde ter da doutrina palingenésica.

Com efeito, porque aceitar, como dogma, o princípio de que só o

homem tem alma? Os demais sêres vivos seriam apenas aglomeração de células, de elementos materiais que morrem, destróem-se e se tornam pó!

Os antigos iniciados tinham melhor concepção da imortalidade e revelam possuir mais profundos e mais justos conhecimentos da teoria das vidas sucessivas.

Muita razão tem certamente o dr. Inocenzo Calderone, diretor de «Filosofia della Scienza», quando, alu-

dindo à reencarnação, escreve: «É uma lei de evolução do Sêr que, através de etapas indefinidas do seu futuro, acaba por atingir uma consciência pessoal e perfeita.»

Nascemos, vivemos, lutamos, sofremos e morremos para renascer logo mais, em outro corpo, e fecharemos, depois de sucessivos e progressivos renascimentos, o ciclo evolutivo dos nossos destinos imortais.

Djalma Farias.

➤ Livros e Autores ➤

LEOPOLDO MACHADO

SÍNTESE DE O NOVO TESTAMENTO — *Minimus*, Rio de Janeiro.

Jesus afirmou que o fim só viria, quando seu Evangelho fosse pregado por todo o mundo, em testemunho de todas as nações.

Certo que não se trata de uma afirmativa vã, por ser do Cristo, que advirtiu, peremptório, passaria o Céu e a Terra, menos suas palavras.

A pregação do Evangelho a todos os povos é que marcará o fim.

Exigência pequenina, na verdade. Poderia exigir mais o Senhor; o cumprimento em atos e exemplos de seu Evangelho. É bem mais fácil estudá-lo e pregá-lo, do que sentí-lo e praticá-lo.

Afigura-se-nos, a partir da afirmativa do Cristo, que estamos tão longe do fim! O Evangelho está muito longe de ser pregado a todas as nações. Pois, se nem as religiões que se dizem nêle assentes o pregam! O Catolicismo serve-se mais de encíclicas e pastorais, deixando-o em plano secundário. Secundaríssimo! Prega-o muito ao pé da letra o Protestantismo, através de suas milhares de seita-zinhas. Nem assim, ainda o prega o Espiritismo, que não saiu, ainda, nos países estrangeiros, de sua fase experimental, fenomenológica, metapsíquica. Se Allan Kardec ainda não é estudado e conhecido em meios espíritas estrangeiros, como nos Estados Unidos e na Inglaterra! ..

Só no Brasil é que se vai fazendo, pôde-se dizer, espiritismo ajustado às lições do Evangelho; é que se vai estu-

dando o Evangelho à luz do Espiritismo. Assim mesmo, o *Evangelho Segundo o Espiritismo*, que é, apenas, a sùmula de uma parte só do Evangelho do Cristo, em que o Codificador descobre cinco aspectos distintíssimos. Estudado, mesmo assim, por todos os espíritas? O Censo último revelou 468.000 espíritas no Brasil. Nêste cômputo, estão, naturalmente, os *redentoristas*, para os quais Allan Kardec faz obsidiados, e os umbandistas, que nada leem. Umbandistas e redentoristas em número maior, naturalmente, do que kardecistas. Sabe, geralmente, mais a doutrina que não dá trabalho ao cérebro e não nos impõe o trabalho de nossa reforma espiritual e moral...

Poucos, portanto, os espíritas que estudam o Evangelho do Cristo. E todos os espíritas deveriam fazê-lo em suas reuniões, sistematicamente, uns 10 a 15 minutos no mínimo, a exemplo de um centro de nosso conhecimento.

Todo esforço, portanto, que se fizer para a maior difusão do Evangelho do Cristo, à luz do Espiritismo, é tarefa santa, oportuníssima.

Mormente, se fôr esforço de molde a transmitir os ensinamentos evangélicos em doses mínimas, homoeopáticas, que penetram, melhormente, o entendimento, que, melhormente, descem ao coração.

SÍNTESE DE O NOVO TESTAMENTO, de *Minimus* é um esforço assim.

Trata-se de um resumo oportuníssimo dos factos e das lições referentes ao Rabi da Galiléia. Pena é que o autor não

lhe tenha emprestado coordenação cronológica de factos e ensinamentos. Teria, assim, mais realce, pois tomaria uma feição biográfica interessantíssima.

A preocupação do autor, dá-lo na introdução, é resumir as passagens e os ensinamentos do Mestre em *estudos compreensíveis*. Nós teríamos dito, em vez de *compreensíveis*, *coordenados*, *sintéticos*, que compreensíveis eles o são, de qualquer maneira, para os que já têm olhos de ver e inteligência de compreender. Estamos, ademais, com J. Stuart, a afirmar que «o Espiritismo é a chave para compreendermos muitas passagens do Evangelho». Seriam, para tanto, necessárias muitas notas à margem, esclarecedoras. É certo que o autor põe, no rodapé de algumas páginas, notas esclarecedoras, chamando a atenção para interpretações que o Espiritismo dá a muitas passagens, diferentes da interpretação protestante e católica. Notas, porém, muito resumidas, nos moldes da obra. E todas aceitáveis. Menos uma, que não abonamos. A da pag. 148, a propósito desta passagem de Mateus (19-28). Em verdade vos digo: vós, que me seguistes, quando na Regeneração o Filho do homem se assentou no trono de sua glória, sentar vos-ei, etc...» A nota põe *Reincarnação* em lugar de *Regeneração*. Nós preferimos o termo *Ressurreição*, no sentido da volta do Espírito à Vida Espiritual, ressurgido, portanto, para a verdadeira Vida. *Reincarnação*, de resto, supõe existência em mundos-escolas, em planetas como o nosso, de provas, expiação e aprendizado. E o Cristo dá a entender, exatamente, louros e glórias aos espíritos que souberam vencer suas reincarnações airosoamente...

Um índice alfabético bem posto e tábuas de capítulos e versículos de cada evangelho, á abertura do volume, facilitam de muito o manuseio da obra.

SÍNTESE DE O NOVO TESTAMENTO é leitura aconselhável, de preferência, á juventude espírita. Um volume que deve ser estudado nas reuniões ordinárias das *Juventudes Espíritas Organizadas*, ás quais, aquí o recomendamos encarecidamente.

O livro é edição da *Federação Espírita Brasileira*.

Agradecemos o volume que nos coube, oferta de seu autor.

Só não agradecemos os termos cerimoniais da dedicatória Espíritas que

somos, acostumados a tratamentos fraternos, reveladores da cordialidade cristã, feita a *prezado irmão espiritual* e quejandos, claro que não podemos agradecer o o *Exmo. Sr.* postos em dedicatórias...

Se somos irmãos espirituais em Jesus, é óbvio que deve existir entre nós a cordialidade e confiança próprias de espíritos que já se compreenderam, que vibram pelo mesmo ideal.

CONFRATERNIZANDO, *Semana Espírita de Florianópolis*—Vários autores.

As Semanas Espíritas, como movimentos de aproximação em nome do Cristo e por amor à Doutrina, e maior difusão do Espiritismo, é postulado dos mais caros de nossa *Cruzada do Espiritismo de Vivos*.

Vemos, portanto, com muita simpatia e maior interêsse, as que se realizam por aí além. Principalmente, as que se realizam dentro de programas afins com o nosso movimento, visionando colimados os mesmos objetivos.

Foi êste, o caso da *Semana Espírita de Florianópolis*, realizada em 1946.

Não pudemos, mau grado nosso, tomar parte nela, diante do convite, gentil e insistente, que recebemos para tanto.

E'co brilhante da *Semana Espírita de Florianópolis*, é o opúsculo, CONFRATERNIZANDO, que acabamos de receber. Bem apresentado graficamente; bôa literatura e melhor doutrina; duplo esforço apreciável, porque para confraternizar e conseguir recursos para a *Caixa de Propaganda da União Espírita Discípulo de Jesus*, por tudo isso, trata-se de uma publicação merecedora da melhor atenção, de cuidadosa leitura.

São 90 páginas de 23/16, com 24 peças assinadas por vários nomes: os irmãos ilustres que ocuparam a tribuna dos centros espíritas, durante a Semana. Peças da autoria de Pedro Lima Breunsisen, Jobel Sampaio Cardoso, Osvaldo Melo Filho, Asbelina Dias Mourão, Ligia Brazinha, Osvaldo Melo, Maria Candido Raulino, Aido João Nunes, João Alfredo Gonçalves, Arnaldo S. Tiago, Marina Gonçalves, Osvaldo Calixto de Lima, Gilberto Doin Vieira, Maria Novais, e outros.

Agradecendo o volume que nos coube, aos organizadores da Semana, agradecemos, também, a Arí Melo, ás referências ao nosso nome, à nossa atuação a pról das *Juventudes Espíritas*.

Crônica Estrangeira

Senti estar morrendo

«Constancia»

«Em 1915, quando a guerra mundial estava furiosamente desencadeada e as epidemias aumentavam, adoeci de pneumonia e tifo. Com muita febre, fui transportado para o hospital militar de Pilsen (eu servia no regimento da região). Acen-tuo de antemão que a febre — ainda que elevada — não influiu negativamente sobre a faculdade de meu cérebro e que, o que aconteceu mais tarde, sucedeu com minha plena consciência e com perfeita função cerebral. Por isso eu mesmo não acreditava estar gravemente enfermo. Mas quando tratei de escrever a meus pais, apenas narrar o que sucedeu, onde e como estava, vi, com surpresa, que não pude escrever uma só letra, traçando minha mão sómente uma linha torcida.

Verifiquei, em razão dessa experiência, a gravidade de minha situação.

Uma noite fui inspirado (talvez por meu protetor) que dentro de dois dias, precisamente ás doze e meia da noite, eu morreria. De modo algum me senti aflito por isso, pelo contrário, feliz esperava essa ocasião e, tanto mais, quanto mais se aproximava esse momento. Simultaneamente sentia estranha liberação. Ao acontecer isto, eu estava completamente consciente. Sabia que hora era, tanto de dia como de noite, ainda que não tivesse relógio.

Na noite seguinte me senti livre a tal ponto de poder sentar-me. Isto antes eu não era capaz de o fazer. Ocorreu-me olhar para trás, para a cama. E fui tomado de surpresa, pois na cama estava deitado meu corpo, enquanto que eu estava sentado. Minhas pernas estavam ligadas ao corpo, em seguida também elas se libertaram lentamente até os pés. Alegre aguardava o toque das doze e meia da noite. Com minha vontade procurava acelerar minha morte, mas em vão. Afligia-me por não poder desencarnar por completo até o momento determinado e que não chegaria a tempo.

Quasi violentamente tentava libertar minhas pernas, especialmente quando

constatei só me faltarem uns minutos para a hora fixada e que a tibia ainda estava ligada aos tornozêlos. Então verifiquei que eram as doze e meia. Eu sabia que a partir desse instante começaria a reencarnar. Facto que profundamente me afligia. Fui atraído de volta sobre a cama e, a partir desse momento, começou a realizar-se lentamente a reencarnação.

Dois dias estive atormentado pelo fracasso da morte (durante todo o tempo da reencarnação) e, logo após sua terminação, fiquei satisfeito por continuar a viver.

Interessante e instrutiva é também a circunstância de, durante a «morte», não ter pensado em meus pais nem em meus irmãozinhos aos quais muito amava.

Desde essa ocorrência, cada vez que verifico o rápido correr dos anos e o aproximar-se do momento da partida, não sinto medo nem tristeza.»

A «Psychichia Revue» comenta o caso do seguinte modo :

«Um pesquisador das cousas espirituais sabe que não se tratava de morte verdadeira, como acreditava o paciente, mas sim de liberação parcial do corpo fluídico, em estado consciente. Casos semelhantes sucedem a algumas pessoas em periodos de exgotamento por enfermidade ou outras causas.

O morrer e o liberar do corpo espiritual são estados que se parecem, até certo grau. Ao morrer, rompe-se o cordão, ao contrário, na liberação só se libertam por tempo determinado.

O homem pode entrar na esfera espiritual de outra maneira e não só pela morte. Ao morrer, primeiro se esfriam e morrem os membros inferiores e o nosso *eu* se eleva e sai pela cabeça. Assim descrevem os clarividentes a morte, fundados sobre observação própria e afirmam que, á medida que se vai libertando o corpo espiritual do corpo físico, este cessa de irradiar e se converte em matéria inerte.

No que morre, é a cabeça que por mais tempo irradia, e depois de terem desaparecido os últimos sentidos corporais...

... Um investigador no campo das

ciências espirituais, tampouco se surpreenderia se o paciênte se houvesse liberado naquêle período, trasladando-se para alguma parte — para seus entes queridos — espantando-os com sua aparição...

... Interessante é igualmente a realidade de as pessoas desdobradas considerarem vida e morte de diferente ponto de vista, e não como o fazem em estado normal.

Quando os pacientes estão desdobrados e se lhes pergunta a respeito de seus corpos, não dizem: «eu sou êste», mas sim «eu não sou êste», isto é, o corpo.

Não nos surpreende o facto de não quererem alguns voltar ao corpo, porque em seu estado de liberação se encontram comodamente, leves e frescos.

Tampouco é de estranhar que os que passaram por tais experiências, não temam a morte, como sucedeu no caso dêste relato.

E' preciso considerar que o nascimento do sêr humano não é casual (como pretendem os materialistas e pessoas não iniciadas no mistério da vida do homem) e traz consigo seu postulado, cujo cumprimento é nosso sagrado mandato. E logo que o haveremos cumprido, ser-nos-á concedido um período de descanso, seguido de traslado ao mundo novo e melhor.

Outro ensino nos fornece êste facto. E' impossível encarar a vida superficialmente, seus acontecimentos devem ser julgados com sólida consideração. A vida é, em sua base, profunda, misteriosa e exige, de nós, conhecimento e consagração para que nos possa revelar seu mistério.»



Nascem Diretores Precóces na Itália

«Constancia» reproduziu de «El Mundo» de 20-7-1947.

Reservamos nossa opinião sôbre os meninos prodígios, mas o telégrafo nos força a consignar sua existência na arte musical. A última revelação dessas precóces mentalidades infantís succedeu na Itália. Faz já alguns mêses, assombrou os públicos, a crítica e os mais peritos compositores da península, a aparição de Pierino Gamba, de 14 anos que dirigiu várias orquestras em algumas capitais italianas suscitando unânime entusiasmo. E quando se começava a olvidar a personalidade do «fenômeno», a agência noticiosa Reuter nos informa de outra descoberta.

O citado serviço informativo anunciou, há alguns dias, da cidade do Vaticano, que o Papa Pio XII, recebera em audiência privada, o menino de oito anos, Ferruccio Burco, cuja fama de diretor sinfônico se propagava pelo norte do país. O Papa conversou animadamente com o juvenil maestro, e lhe declarou que também êle é amante da música e ainda gosta, de vez em quando, executar no violino. Terminou a entrevista presenteando o menino com um belo rosário e prometeu fazer o possível para que dirigisse um concêrto na sala do Vaticano. E eis aquí a nossa notícia da mencionada agência, transmitida, ontem, de Roma.

A população desta capital recebeu com aclamações, o menino prodígio Ferruccio Burco, que breve dirigirá a orquestra sinfônica do «Teatro da Ópera». Esclarece ademais, que o músico precóce, nascido em Milão, filho de aplaudida soprano, e que já dirigiu vários concêrto, não só sente inclinação pela música clássica, mas também, como todos os meninos, gosta de doces e jogos.

Os anais do psiquismo estão abarrotados de factos comprovativos da sobrevivência individual. A produção dêstes factos, dos mais variados e interessantes modos, visa chamar a atenção dos homens para o mais importante problema da vida: o da Imortalidade da Alma. Resolvido êste problema, os homens ficam aptos a solucionar, com relativa facilidade, os demais problemas, porque podem entender as cousas no seu verdadeiro sentido. — L. B.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Centro Espírita «S. Luiz Gonzaga»

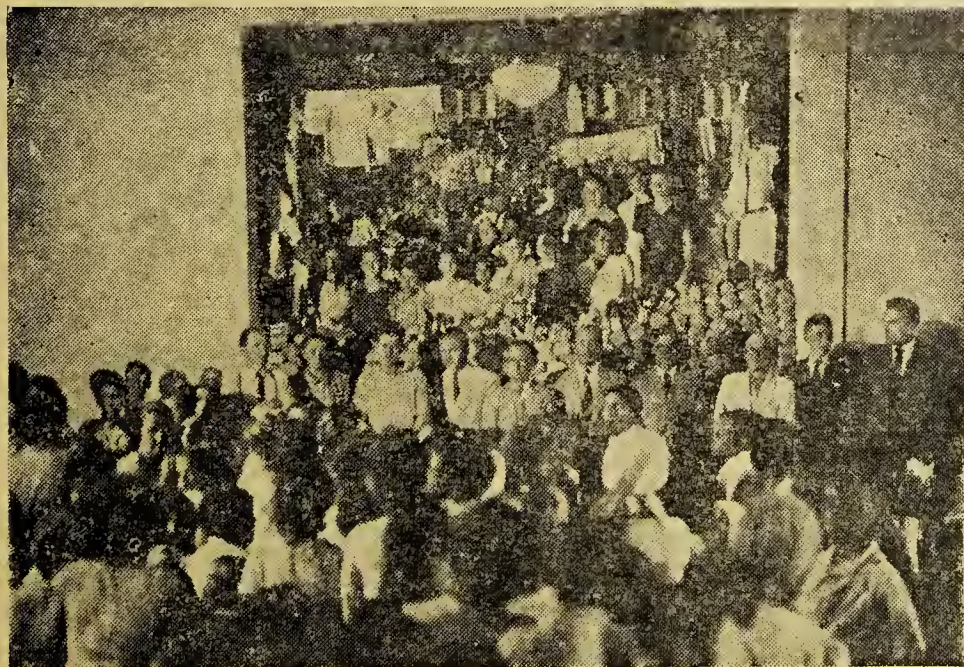
Esta Sociedade foi fundada em Itapira, em 17 de Setembro de

1914, pelo inesquecível batalhador Américo F. Machado, desincarnado em 16 de Outubro de 1931.

E' pessoa jurídica, com registro em 15 de Julho de 1915. Com fins altruísticos e cumprindo um



Séde própria do Centro Espírita «S. Luiz Gonzaga»



Vista do palco, gêneros, roupas feitas, cortes de vestidos, camisas, calças, brinquedos, doces, etc. Senhoras e senhorilas da Diretoria, que auxiliaram a distribuição. (Natal dos Pobres de 1946).

dos dispositivos estatuais, a diretoria vigente fundou a Caixa de Assistência aos Necessitados, mantenedora do Asilo Espírita «Luiz Gonzaga», em 17 de Setembro de 1924. A instituição vem funcionando regularmente, dando abrigo, cama e mesa para 22 pessoas, entre velhas, viúvas desamparadas e cegos. Tendo por fim o estudo teórico e experimental do Espiritismo e a propaganda de seus ensinamentos, vem êste Centro executando o seu programa de trabalhos internos, presentemente assim distribuídos: aos domingos, das 15 às 16 horas, aulas de Espiritismo às crianças; das 19 e 30 às 20 e 30 horas, estudo sôbre «A Grande Sintíse»; às segundas-feiras, das 19 e 30 às 20 e 30 horas, comentário sôbre «Grandes e Pequenos Problemas»; às quintas-feiras, às mesmas

horas, explanação em torno do «Livro dos Espíritos»; às quartas e sextas-feiras, trabalhos práticos à noite. O Centro mantém uma boa Bibliotéca de obras psíquicas para os seus associados. Em cada fim de mês palestra a cargo da mocidade espírita. O Natal de 1946 foi muito concorrido em dádivas, tanto em dinheiro como em mercadorias.



Vista parcial do Salão superlotado de pobres que aguardavam a hora da distribuição. (Natal dos Pobres de 1946 Ilapira).

Mãe Dita

Foi por ocasião da Semana Espírita de Cruzeiro, no Estado de S. Paulo, em Fevereiro dêste ano, que conheci Benedita Fernandes. De ha muito tempo o seu nome chegara aos meus ouvidos, revestido de uma auréola de respeito. Chegara mesmo a ler uma crônica de Leopoldo Machado sobre a estimada irmã, em crença, de Araçatuba, enaltecendo-lhe as peregrinas virtudes. Sabia dirigir ela uma instituição filantrópica, obra gigantesca erguida à custa de sua fé, de seu devotamento à Causa do Bem, de seu amor e de suas lágrimas. Sua figura quasi exótica de preta velha e feia, entrou-me por inteiro na alma. Ainda me sabe bem lembrar o ósculo que ela me dera na face! Essa carícia simples e natural, expressando puro afeto fraterno, que me honra tanto como me honram os puros beijos maternos, perdura serena e imaculada na retina do meu espírito! Suas mãos calejadas e grosseiras, acostumadas a acariciar as criancinhas do orfanato que ela fundou e dirigiu, afagavam indistintamente a todos os seus irmãos. Dizia-se analfabeta e não obstante, com palavra, para esflorar o Evangelho, pregava com erudição e sentimento, fazendo estasiar enormes assistências. Foi a

palavra que mais me comoveu e encantou na vitoriosa reunião dedicada à mulher espírita, da referida Semana. Todo o seletto auditório, aliás, permaneceu suspenso, em estado de êxtase, enquanto a querida e saudosa irmã discorria sobre os ensinamentos de Jesus. Sempre bem assistida e inspirada, quando doutrinava fazia transportar o espírito dos ouvintes às regiões superiores da espiritualidade. Soube-se que, em virtude do seu inextinguível devotamento á causa do amparo ás crianças e aos obsedados dos departamentos da instituição assistencial que presidia e que eram as meninas dos seus olhos, lhe viera o apelido de *Mãe Dita!*

Verdadeira mãe ela o foi, realmente, dos orfãos, dos pobres e dos doentes de Araçatuba, tornando-se estimada e respeitada em toda zona do Noroeste do Brasil não só dos espiritistas, mas dos adeptos de todas as religiões e até dos descrentes! A sua incultura não lhe obstava profligar o erro, a injustiça e a tirania. Provocada pelos detratores do Espiritismo a dar o seu testemunho de fé raciocinada, defendia a Doutrina que lhe era tudo na vida, com lógica e doçura. Com a palavra, jamais se excedia. Antes primava pela serenidade embora, ás vezes, enérgica, não contundindo em nenhuma hipótese. E conquanto grave e sizuda quando orava, muitas vezes a vi tagare-

lando animadamente, transbordando em franco bom humor, que contagiava a todos.

Benedita era bem a figura de uma autêntica missionária, dedicando-se ao amparo dos desventurados. Pobre, pedia aos mais aquinhoados de fortuna, para distribuir pelos mais necessitados. O orfanato, o sanatório, a escola e demais departamentos que compõem a grande obra de assistência social de Araçatuba, são obra sua. Médiun curador, aliviou muitos sofrimentos e curou muitas enfermidades. Hoje, ela já pertence ao plano da vida espiritual. Sua desincarnação recente, foi no-la participada pelo querido confrade Vicente S. Neto que, como eu, se fizera um admirador das virtudes da querida irmã. Essa notícia emocionou-me bastante, pois que pretendia atender-lhe ao convite amável de visitar, oportunamente, a sua obra de Araçatuba. A maior emoção, entretanto, estava-me reservada para a noite de ontem, no «Culto Doméstico de Scheila», no lar do casal de confrades Paulo - Maria Ieneè, quando Mãe Dita brindava os assistentes com uma mensagem psicográfica que identifica, perfeitamente a comunicante, pela sua lucidez e pela elevação de suas palavras carinhosas. Sua mensagem fez-me chorar de alegria, de comoção e saudade... Benedita Fernandes está viva na espiritualidade, como viva permanece na memória e no coração agradecido dos seus beneficiados, dos seus confrades, dos seus amigos e admiradores. Mãe Dita continua a velar pelos seus irmãos enfêrmos e necessitados da Terra.

Mãe Dita! que o teu espírito continue, sereno e feliz, a irradiar luz por sobre todos. Até breve, Mãe Dita!...

Amadeu Santos.

Rio, 14/10/1947.

Lourenço Bianchi

O nosso representante sr. Lourenço Bianchi, nos comunicou que passou a angariar donativos para o Abrigo «Pinheiro Machado», de Novo Horizonte, instituição esta que abriga elevado número de menores e velhos desamparados.

O confrade Lourenço Bianchi, que deverá percorrer a zona douradense e parte da Paulista nova, como nosso representante, está autorizado a reformar e angariar assinaturas para «O Clarim» e

«Revista Internacional do Espiritismo».

Solicitamos aos prezados confrades boa acolhida para êste trabalhador da seára, afim de que êle possa encontrar facilidade no desempenho da sua tarefa.

Notícias de São Paulo

Homenagem a Allan Kardec

Realizou-se no dia 4 de Outubro último, no Salão Nobre do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, uma Grande Concentração da Mocidade Espírita, rendendo justa homenagem ao Codificador da 3.^a Revelação.

Êsse festival teve ainda, o objetivo de reunir os jovens espíritas, em torno dos postulados do Cristo, em espírito e verdade.

O orador da noite, Dr. Jonathas O. Fernandes, Juiz de Direito da 5.^a vara civil, aposentado ha dias, fez uma bellissima dissertação sôbre a figura do homenageado e, no final de seu sintético «capo-lavoro», recebeu da avultada assistência, uma salva de palmas que, também, lhe foram tributadas quando assumiu a tribuna.

Antes e depois da conferência, uma autêntica parada de jovens artistas, deliciaram os assistentes com um programa maravilhoso de música fina e declamações.

Nancy Pulhmann, Julinha Thékla, Franz G. Simon, Alice Campos Melo, Hilda Siqueira, Theodomiro R. Cunha (Nênê), Alda Bertolini, Celia J. Pitt e a notável jovem soprano Ariel Sampaio, sob o comando de Vicente S. Neto «crooner», foram aplaudidos delirantemente, fazendo jús ás palmas recebidas, graças aos seus números de arte, bisados constantemente.

A presidência dos trabalhos esteve a cargo do jornalista Paulo Alves de Godói, e sob a supervisão de Antonio Soares de Carvalho e snrta. Zenóbia Prado.

No início da reunião, à meia luz, foi prestada significativa apoteóse a Jesus, sendo descido do palco, uma imagem da «Meditação de Jesus no Horto», com focos luminosos.

A prece inicial foi proferida pelo Dr. Julio de Abreu, representante da União Social Espírita, sendo executado nêsse momento, a «Ave Maria» de Gonoud,

em violoncelo e piano, por Franz Simon e Alice Campos Melo.

Um quadro de Kardec, todo ornamentado, brilhava «à saciedade», e, ao encerrar-se a noitada, a alegria dominava todos os corações. Aí ficam gravados os acontecimentos mais relevantes da Grande Homenagem a Kardec.

Vicente S. Neto.

União Social Espírita

Com o relatório que abaixo transcrevemos, queremos apresentar aos espíritas do Estado de São Paulo uma síntese do movimento da U. S. E. Analisando os resultados já obtidos, os confrades poderão avaliar os esforços que temos empregado e as lutas que teremos de enfrentar para que a unificação seja coroada de êxitos.

Entidades adesas até o Congresso

Capital, 170 ; Interior, 361 ; Total, 531 ;

Entidades adesas atualmente

Capital, 215 ; Interior, 403 ; Total, 618.

Entidades Recenseadas

Capital, 108 ; Interior, 278 ; Total, 385.
Total de Espíritas recenseados até o momento 60.000 ; Uniões Municipais formadas, 16 ; Nomes indicados para delegados distritais 33 ; Nomes indicados para Membros Regionais do Conselho, 203.

Entidades que efetuaram pagamentos

Capital, 19 ; Interior, 42 ; Total, 61.

Mediante a exposição feita, do movimento até o presente momento, a U.

S. E. solicita de todos os confrades do Estado, o seu decisivo apoio para que a unificação da família espírita seja concluída em bases sólidas e em um futuro bem próximo. Este movimento, como é sabido por todos os confrades, é um trabalho coletivo, onde todos tem o dever de zelar por uma parte a fim de que a obra seja um legítimo patrimônio dos espíritas.

Uniões Municipais já formadas

As Uniões Municipais já formadas são as seguintes : — Baurú, Jacaré, Sorocaba, Itapira, Porto Feliz, S. José dos Campos, Marília, Ribeirão Preto, Catanduva, São Roque, Jaú, Taubaté, Tupan, Mogi das Cruzes, Ourinhos e Pindamonhangaba.

A U. S. E. pede aos confrades que instalaram as Uniões Municipais em suas cidades, que nos auxiliem com sua valiosa colaboração visitando as cidades vizinhas e incentivando os centros a formarem o mais depressa possível as uniões que deverão tomar a incumbência de orientar e metodisar a prática da doutrina nos recantos mais afastados do Estado.

«Constância»

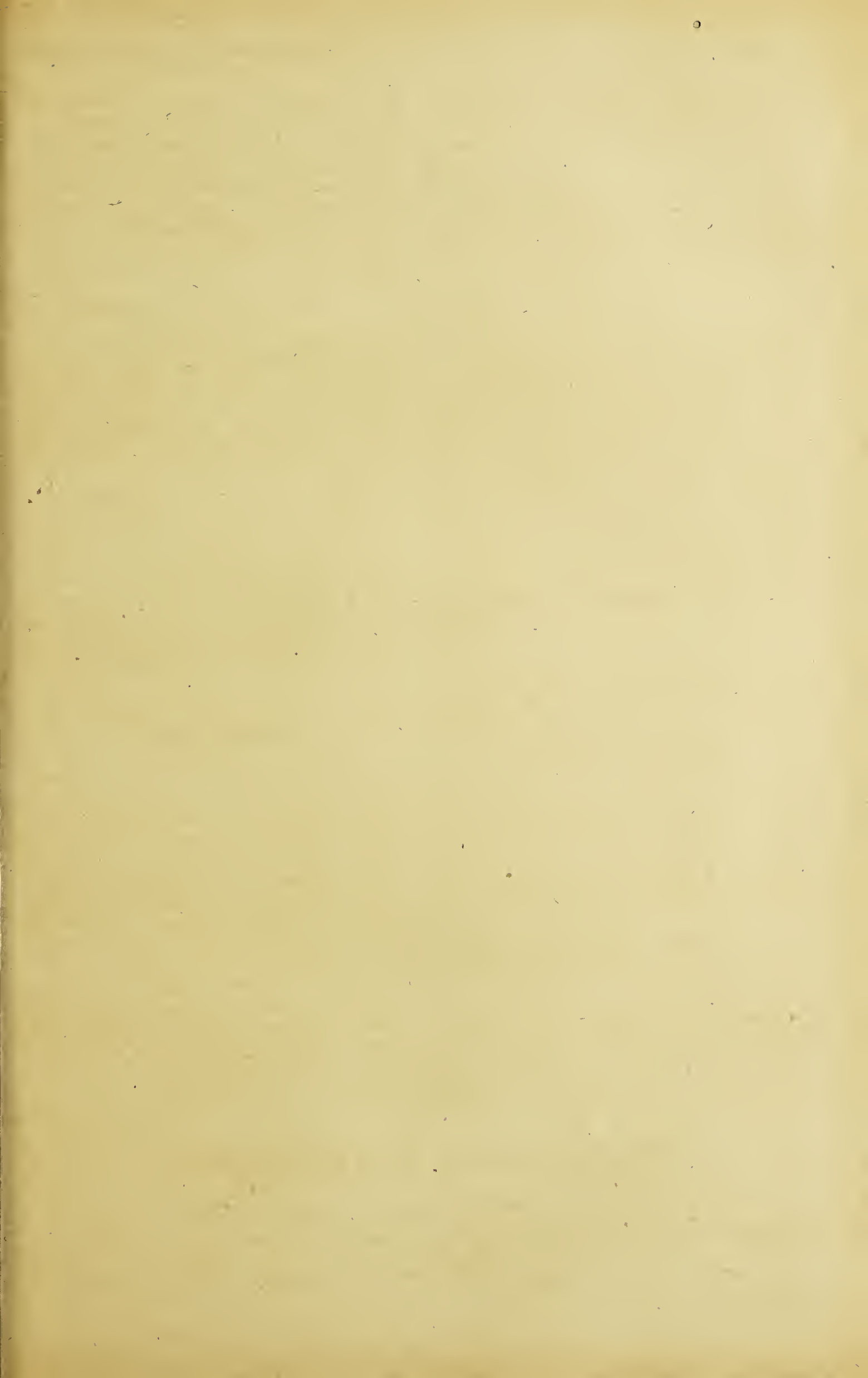
Comemorando o primeiro centenário do nascimento de Cosme Mariño, o Kardec Argentino, a nossa brilhante colega, «Constância», que se publica em Buenos Aires, dedicou a sua edição de Outubro último a êsse ilustre pioneiro do Espiritismo na Argentina, circulando com mais de 140 páginas, enriquecidas com artigos dos espíritas de mais evidência no Continente Americano.

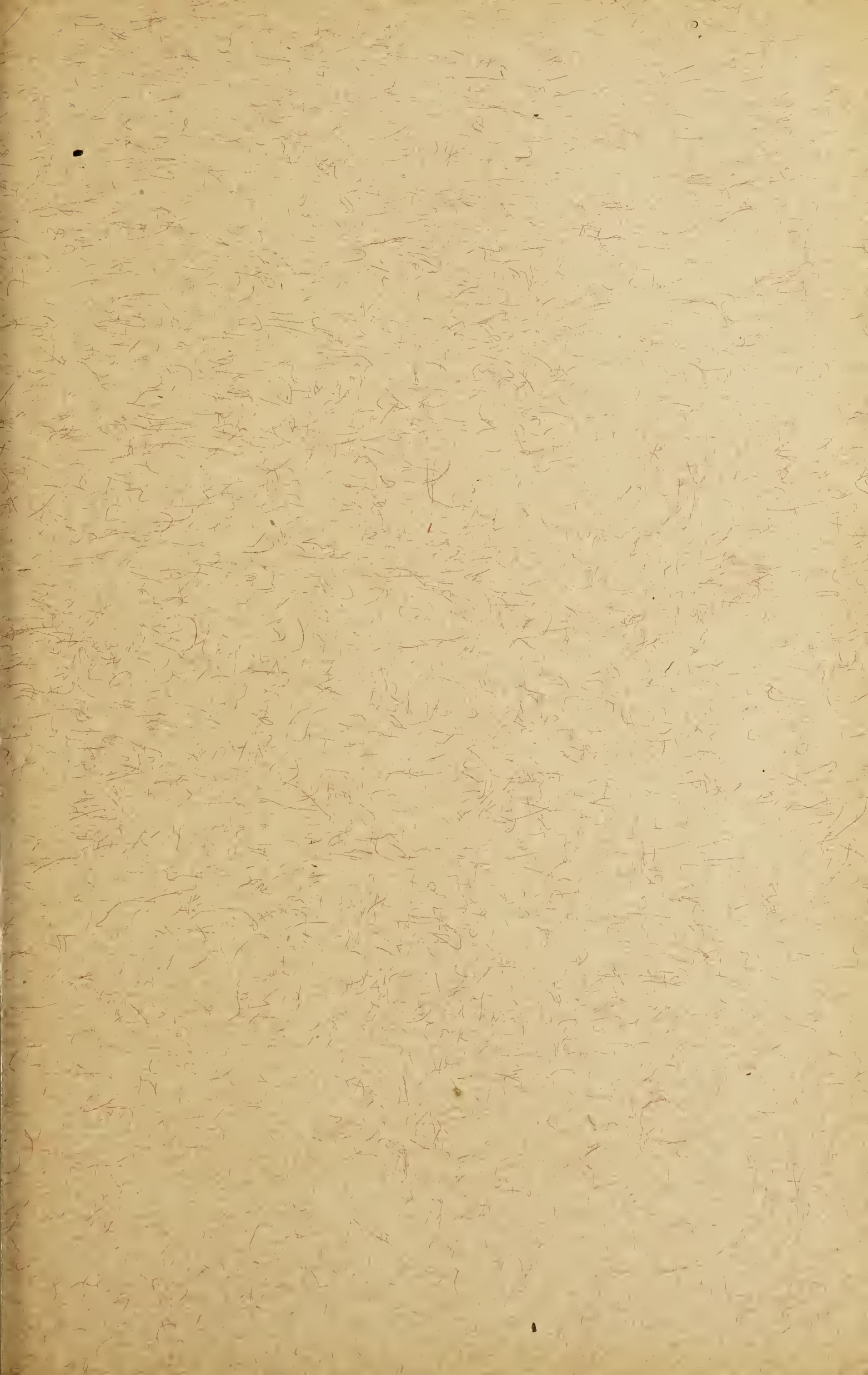
A's justas homenagens que «Constância» rendeu ao iluminado espírito de Cosme Mariño, juntamos as nossas, num culto de grande estima e consideração.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.





Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho

Redator: A Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.\$30,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	35,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. \$2,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :-: Rio de Janeiro

